

SÔNIA LÚCIA RAMALHO de FARIAS e JOÃO DENYS ARAÚJO LEITE (Orgs). **Imagens do Brasil na Literatura**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005. 278p. (Coleção Letras).

Luiz Antonio MOUSINHO¹

As relações entre literatura e cultura são centrais em *Imagens do Brasil na Literatura*, organizado por Sônia Lúcia Ramalho de Farias e João Denys Leite, lançado no primeiro semestre de 2005. O livro traz resultados de pesquisas realizadas junto ao Projeto Integrado de Pesquisa *Imagens do Brasil na Literatura: as formas interdiscursivas do imaginário estético e sociocultural*, desenvolvido na Universidade federal de Pernambuco. Afinados com o próprio subtítulo do projeto, os ensaios reunidos investigam as relações literatura e sociedade, abrigando ainda textos de outros pesquisadores que não pertencem ao programa, mas realizam estudos em direção semelhante e fazem uma ponte entre teoria e reflexão crítica.

No volume, Piedade Sá assinala a amplitude da percepção de sociedade no texto machadiano, autor também investigado por Ana Cristina Dourado, que ressalta como Machado de Assis mina desde dentro as contradições do Brasil, ambas relacionando forma literária e processo social; Machado também está no horizonte de interesses de Ricardo Soares, que problematiza as relações entre *mimesis* e modernidade, partindo de Bakhtin, para assinalar as sugestões de crítica e autocrítica do gênero romance, observando aspectos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e de *A rainha dos Cáceres da Grécia*, de Osman Lins. Já Jomard Muniz de Britto transita num vertiginoso espaço tempo entre a poesia, a política, o cinema, a canção popular; Moisés Neto faz o balanço da presença do regionalismo crítico e revitalizado instaurado no Brasil pelo mangue-beat pernambucano, com atenção especial para o malungo Chico Science; Andrea Ciacchi traça um panorama da ficção brasileira contemporânea, apontando revelações e velamentos ideológicos nas tramas narrativas.

Por sua vez, Moema D'Andrea relembra como a poesia tesa de João Cabral de Melo Neto escancara a luz do Nordeste, arromba a retina na cena paródica, no trabalho radicalmente artesanal com a palavra; João Denys rastreia as imagens de um Brasil que ocorre nos personagens-morte de Joaquim Cardoso, de onde um avião-flor explode no ar e uma semente estoura em raiz, celebrando o acaso, numa poesia que acorda os mortos para ressaltar a vida dos vivos; José Lira aponta uma surpreendente presença de um Brasil mítico informando subjetivamente o imaginário da poesia de Emily Dickson, atingida pelos rastros de ecos da empreitada colonialista.

Clarisse Loureiro analisa a figura do sertanejo em *Os sertões* e nos folhetos de cordel, enquanto Sônia Ramalho percorre várias revisitações de Canudos (inclusive as mais recentes), com ênfase para o sebastianismo e a presença intertextual de Conselheiro em meio às tensões e contradições de *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna; Rosângela Soares desconstrói o etnocentrismo no Auto de São Lourenço, de José de Anchieta e no sermão da sexagésima, de Antonio Vieira; Auríbio Farias discute a identidade cultural na obra do ficcionista contemporâneo Raimundo Carrero; Elio Ferreira amplifica vozes poéticas da poesia afro-brasileira, resgatando o vigor de autores como Luís Gama.

Imagens do Brasil na Literatura ressalta o vigor da produção acadêmica na pós-graduação em letras da UFPE e também da Universidade Federal da Paraíba (instituição de origem de Sônia Ramalho e a qual estão vinculados alguns dos ensaístas que participam do volume). No livro organizado por Sônia Ramalho e João Denys, obras e recortes temáticos são observados pela via da construção discursiva e da co-presença intertextual constante, onde a letra dos livros se entrama com o tecido social que se torna interno ao texto e revela textos e contextos. O discurso literário não se faz pretexto para se ler a sociedade, sendo o elemento social tomado nas obras “não exteriormente (...) mas como fator da própria construção artística”, como sugere Antonio Candido².

¹ Departamento de Comunicação da UFPB; mestre em Literatura Brasileira – UFPB; doutor em Teoria e História literária – UNICAMP.

² CANDIDO, Antonio. “Crítica e sociologia”. In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976. p.7.

Os textos são mostrados na beleza de suas construções, no coração de suas contradições. Isso num livro que promete não ser um artefato de celebração, mas que, à contrapelo, se faz uma celebração do movimento de idéias, transitando entre amontoadas camadas de textos dialogicamente instituídos, dialogicamente desconstruídos.

Os livros, a vida de seus autores – esse outro texto no mundo –, são trabalhados numa perspectiva que ressalta a urgência da alteridade e denuncia a cooptação do discurso da diferença; que se encanta com os textos e propõe o contracanto crítico; ou proporciona a ampliação do impacto da obra na sensibilidade do leitor, para falar com o crítico de cinema André Bazin³. Que ensina a ler extraindo belezas e contradições, os horrores e as promessas de libertação postos ou velados pela narrativa literária, esta também documento de cultura, rastro de barbárie, promessa de felicidade. Ensaio que mais acertam quanto mais ressaltam as contradições reveladas pelos textos, mas também quando enfrentam as contradições dos próprios textos. E que também se assumem como uma visada possível, a ser completada, contradita.

Como ressalta Diana Luz Pessoa, para Bakhtin, a especificidade das ciências humanas está em ter o texto (ou o discurso) como objeto. “Em outras palavras, as ciências humanas voltam-se para o homem, mas é o homem como produtor de textos que se apresenta aí”⁴. Segundo a autora, “dessa concepção decorre que o homem não só é conhecido através dos textos, como se constrói enquanto objeto de estudos nos ou por meio dos textos, o que distinguiria as ciências humanas das ciências exatas e biológicas que examinam o homem ‘fora do texto’”.

É por dentro do texto que correm os ensaios deste livro. E isso se faz revelando algo do Brasil colônia, o assassinato de pessoas e culturas, crimes estes ressimbolizados no ambiente de suas cicatrizes no Brasil de hoje. Textos que falam do Brasil rural, dos laços tradicionais sentidos como elos e cadeias e das possibilidades que o popular traz de ressignificação da tradição. E tratam também de um país embebido numa modernidade saturada de contradições. De um Brasil urbano, com seus anúncios luminosos, que são a cidade a mentir, mas que são ainda a assunção das tensões e contrastes na grande cidade, espaço também de fascínio e mapa de possibilidades de encontros.

O local e o global, as fraturas identitárias, as armadilhas ideológicas são espreitadas por esses ensaios escritos a partir das cidades de Recife e João Pessoa. Cidades próximas e distantes, no desenho de colonialismos internos. Cidades que mostram aqui a força de sua produção acadêmica, apostando na trama eterna desse diálogo entre textos, nos desrecalques do socialmente reprimido, resgatados pelo movimento interpretativo. Isso em imagens do Brasil descobertas em seus impasses e possibilidades, na mimesis assumida como crítica da cultura.

Em *Triste trópicos*, Lévi-Strauss vasculha na memória a sua primeira impressão do país. “O Brasil desenhava-se na minha imaginação como feixes de palmeiras torneadas escondendo arquiteturas bizarras, tudo isto banhado num cheiro de incensador, pormenor olfativo introduzido sub-repticiamente, ao que parece, pela homofonia inconscientemente apreendida das palavras ‘Brasil’ e ‘brasido’, o que de qualquer modo explica que hoje, para além de qualquer experiência adquirida, eu pense no Brasil em primeiro lugar como um perfume queimado”. E ainda: “A exploração é mais uma busca do que um percurso; só uma cena fugidia, um recanto de paisagem, uma reflexão apreendida no ar, permitem compreender e interpretar horizontes que de outro modo permaneceriam estéreis”⁵.

No livro *Imagens do Brasil na Literatura*, essa busca parte da teoria literária, se amplia num esforço interdisciplinar e se realiza no corpo a corpo com os textos, onde os autores vincam sua argúcia analítica. Se “criar consiste na infundável remissão do imaginário ao real e do real ao imaginário”⁶, como sugere Benedito Nunes, essas imagens do Brasil são um estimulante modo de lançar, através dos livros, um renovado olhar sobre a cultura.

³ BAZIN, André. *O cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.7.

⁴ BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p.28.

⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Martins Fontes; Lisboa, Portugal. p.54

⁶ NUNES, Benedito. Dossier da obra. Introdução e nota filológica. In: LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH/ Clarice Lispector*. Ed. Crítica/ Benedito Nunes, coord. Paris, Association Archives de la littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe.; Brasília, DF, CNPq, 1988. p.291-366/ p. XXVII.